Valor ECONÔMICO
Publicado em 03/12/2024 - 05:58

Com dólar acima de R$6, indústria de consumo abre negociação para reajuste

PABLO JACOB/AGÊNCIA O GLOBO

Historicamente, fornecedores pleiteiam remarcações para o início dos anos e fabricantes de diferentes setores estão abrindo negociações com o varejo para revisão da tabela de preços

Consumo Aumentos em negociação envolvem alimentos, higiene, beleza, eletrônicos, eletrodomésticos, na faixa de um dígito; risco é elevar pressão em inflação e juros

Com dólar a R$ 6, nova onda de reajustes se alastra na indústria

Adriana Mattos
De São Paulo

Há um movimento por reajuste de preços por parte das indústrias de consumo, que começaram a abrir negociações com o varejo para revisão das tabelas. A escalada do dólar nos últimos dias é fator central nessas discussões, e deve pesar nessa nova onda de aumentos que pode chegar ao consumidor em janeiro.

Historicamente, fornecedores pleiteiam remarcações para o início dos anos, mas é algo que não estava na agenda do comércio na magnitude e no conjunto de empresas envolvidas, afirmam fontes de alto escalão envolvidas.

As negociações atuais envolvem diversos setores, como alimentos, bebidas, higiene e beleza, e linhas de eletroeletrônicos e eletrodomésticos, ao mesmo tempo. Já há reunião marcada nesta semana entre membros da indústria de eletroeletrônicos, e o tema deve ser tratado, apurou a reportagem. Inicialmente, o encontro está agendado para quinta-feira (5).

Nas tratativas que avançam desde o fim do mês passado, fornecedores de eletrônicos e alimentos relataram que a variação cambial se soma a um ambiente que já vinha de valorização do dólar, não totalmente repassado ao mercado, em produtos com insumos importados. Na última semana de novembro, com as indefinições sobre o pacote fiscal do governo, a moeda se valorizou 4%, fechando em mais de R$ 6 na sexta-feira (29), a máxima histórica. Ontem, a moeda voltou a subir e encerrou o dia com alta de 1,13%, a R$ 6,069.

O recorde foi batido depois que o governo anunciou, no dia 28, um pacote de medidas de corte de gastos considerado insuficiente por empresários e economistas.

"As medidas do governo vieram tímidas, geraram muito ruído, e não se espera uma queda na cotação tão rápida. Então, os fabricantes já sinalizaram tabela novas, mas agora ainda estão fechando pedidos no preço atual. Para este fim de ano, acho que ainda passa sem impacto, porque boa parte das encomendas de Natal já foi fechada. Mas, para janeiro, vai ser difícil segurar", disse o CEO de uma rede de varejo alimentar.

"O problema é que dólar a R$ 6 assusta. E aí essa agenda de aumentos já está competindo com as nossas agendas sazonais de fechamento do ano", afirmou uma segunda fonte, na área de atacado e supermercado, com 200 lojas.

Esses processos tendem a ajudar na recuperação de margens perdidas ou num ganho maior de rentabilidade das empresas, e podem melhorar a receita das redes. É que os aumentos de preços, inicialmente, tendem a turbinar o faturamento nominal, se o volume não recuar.

Para tratar do tema, já houve contatos de gestores comerciais de Seara, do grupo JBS, e da Sadia, da BRF, além das multinacionais de higiene e limpeza, disse uma fonte. No caso dos duráveis, Samsung, LG, Panasonic, Whirlpool (linhas Brastemp e Consul) e Electrolux iniciaram conversas nesse sentido.

Ondas de aumentos fazem parte do acompanhamento da equipe do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, num momento de nova alta da taxa de juros, por conta de recente escalada da inflação.

> "A alta do dólar impacta significativamente os custos"
> *Eletros*

Ontem, o futuro presidente do BC, e atual diretor da autarquia, Gabriel Galípolo, disse que está atento à elevação das projeções inflacionárias, que têm se intensificado nas últimas semanas, segundo pesquisas.

Há cerca de 15 dias, antes da escalada do dólar, o comando da JBS relatou, em teleconferência do balanço do terceiro trimestre, que só em alimentos preparados, considerando reajuste e ganho em "mix", a Seara subiu preço médio em mais de 8% frente ao segundo trimestre. E o volume praticamente não teve retração. Isso era reflexo de um "aprimoramento na gestão de preço".

Dona da Sadia, a BRF disse, em conferência em meados de novembro, quando perguntada sobre inflação, preço e demanda no Brasil, que havia a possibilidade de seguir ganhando preço porque hoje o frango é uma proteína competitiva.

Outra fonte a par do assunto no atacarejo disse que os fornecedores estavam trabalhando com custos de matérias-primas baseadas em dólar em R$ 5,40 a R$ 5,50, e agora querem ajustar para R$ 5,70 a R$ 5,90. Segundo o executivo, as empresas estão começando a pleitear aumentos não programados de 5% a 10%. Mas a compra de dezembro estava "apalavrada", sem previsão de alta.

Segundo ele, já nesta semana uma série de fabricantes de alimentos, higiene, limpeza e beleza está falando em "ajustar os seus custos", especialmente fornecedores em que os insumos dependem da cotação do dólar, como trigo, milho, soja e açúcar, e que dependem de produtos químicos cotados em moeda estrangeira.

Paralelo a isso, nos mercados de eletrônicos e eletrodomésticos, apesar da recuperação das vendas, uma eventual alta de preços esbarra na retomada ainda lenta da demanda, por conta do impacto dos juros no crédito.

Segundo pessoas a par do tema, uma reunião já agendada da Eletros, associação das indústrias do setor, está prevista para quinta-feira, e o assunto está na pauta, entre outros temas. "Algum aumento faz sentido, sim, e será de um dígito. Câmbio impacta a inflação em diversos setores. Não é uma variável só nossa", disse o diretor de uma rede do segmento.

O recuo nos estoques das varejistas e a maior venda recente em algumas categorias, como linha branca (ar-condicionado, refrigeradores), foi abrindo espaços de negociação, de forma a acomodar eventuais altas. Esse movimento ganha força após a Black Friday porque, até a data, ficou acertado que não seriam repassados reajustes.

O **Valor** apurou que o Magazine Luiza tem mais de 90 dias de estoques a dólar antigo e que, por isso, não sente essa pressão da indústria agora. Mas negociações vão começar na semana que vem. Na Casas Bahia, o tema deve ser tratado nesta semana, segundo fonte. Procurados, Magalu e Casas Bahia não comentam.

Em nota, a Eletros afirma que há "grande preocupação" com as oscilações na moeda americana, considerando o momento de retomada do crescimento do setor. E que garantir preços competitivos é uma prioridade para fortalecer a competitividade. Ainda afirma que o câmbio impacta significativamente os custos, na aquisição de insumos importados que não possuem oferta plena local. E que esses insumos são imprescindíveis pelo perfil inovador do setor. Mas não tem conhecimento de conversas sobre reajustes e questões relacionadas às relações comerciais não são tratadas no âmbito da associação.

Procurada, a Abia, do setor de alimentos, informa que o seu código de conduta e a política de compliance impedem discussões sobre precificação de produtos no âmbito da entidade.

As empresas JBS, BRF, Whirlpool, Samsung, LG e Panasonic não comentaram. O grupo Electrolux diz que acompanha os movimentos do mercado e que a alta do dólar afeta toda a indústria. "Esse cenário, naturalmente, gera pressões inflacionárias que se refletem nos custos de produção e, consequentemente, nos preços". Também afirma que "medidas que melhorem as condições cambiais são fundamentais para o bom funcionamento do setor, beneficiando diretamente o consumidor."

Lista de compras sob pressão
Itens com pedidos de reajustes, e o desempenho em 12 meses

Itens	Variação no acumulado de um ano - em % (*)
Arroz	10,92
Feijão mulatinho	2,01
Macarrão	0,13
Açúcar refinado	1,7
Refrigerador	-1,7
Ar-condicionado	0,71
TV	1,96
Fogão	-0,46

Fonte: IPCA (*) de out/23 a out/24, dessazonalizado

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas **Caderno:** B **Pagina:** 2

Copyright © Clipclap 2025.